

Portugal nos séculos XIII e XIV

1. Salientar a vulnerabilidade das populações medievais face às condições naturais e às técnicas rudimentares disponíveis.

R: Embora a agricultura fosse a principal actividade económica (cereais, azeite, vinho), nem sempre se conseguia produzir alimentos para todos: devido a anos de grandes secas ou de chuva intensa; poucas terras aráveis, instrumentos agrícolas pouco resistentes e técnicas rudimentares na agricultura das terras com falta de adubos, havendo pouca produção agrícola.

2. Caracterizar as principais atividades económicas medievais, destacando a agricultura como atividade económica principal, bem como o desenvolvimento do comércio interno e externo.

R: A agricultura era a principal actividade, mas também existia a criação de gado (pecuária), a pastorícia e a exploração florestal, onde se obtinha madeira, mel, cortiça. No litoral praticava-se a pesca e a salicultura. Utilizavam assim os Recursos Naturais. Nas cidades o artesanato era praticado e também o comércio com as feiras e mercados (comércio interno pelos almocreves) e até se fazia exportação de produtos excedentários no País (comércio externo com os burgueses comerciantes).

3. Caracterizar as principais rotas de comércio externo no século XIII, salientando o papel dos portos portugueses nesse comércio.

R: Devido à localização geográfica do País, com uma extensa costa marítima e bons portos, desenvolveu-se o comércio externo, destacando-se **2 rotas**:



.A **Atlântica** - para o Norte da Europa (onde se comprava metais (ferro, ouro, prata) tecidos e cereais;

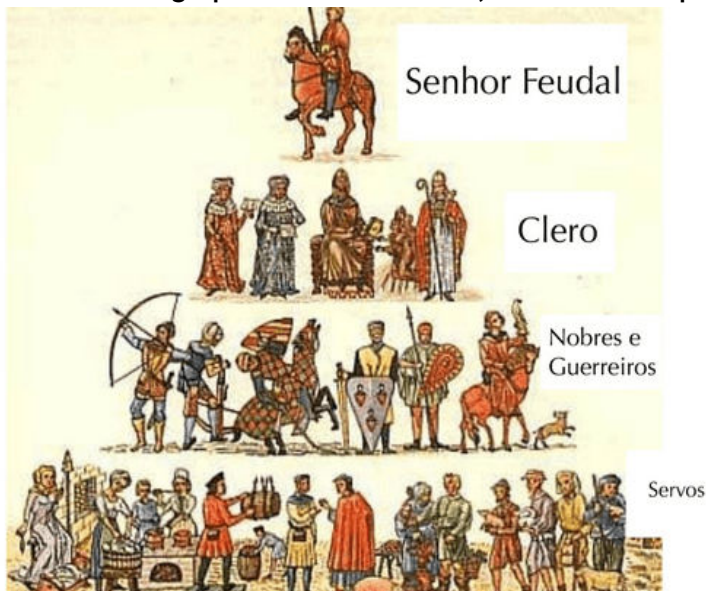
.A **do Mediterrâneo** - feito com as cidades italianas e outras do Norte africano (onde se compravam especiarias, perfumes, marfim...)

.Portugal exportava vinho, cera, mel, frutos secos e sal.

4. Relacionar o desenvolvimento do comércio nos séculos XII e XIII com o crescimento das cidades e da população urbana no mesmo período.

R: O desenvolvimento das actividades económicas no País e o crescimento do comércio neste período (século XIII) melhorou as condições de vida, favoreceu no crescimento das populações e também o das cidades.

1. Identificar os grupos sociais medievais, destacando os privilegiados e os não privilegiados.



R: Grupos Sociais Medievais - **Clero e Nobreza** (privilegiados) e o **Povo** (não privilegiados).

2. Referir as funções de cada ordem social.

R: .**Clero** - a oração, o ensino, a cultura (com a cópia de livros antigos) e a prestação de apoio médico a doentes e peregrinos. Dividia-se em Clero Regular (monges e freiras, que viviam em mosteiros e conventos obedecendo a uma regra) e Clero Secular (bispos e padres que habitavam junto das populações em cidades e aldeias).

.**Nobreza** - a função principal era combater, aconselhar o Rei e servi-lo na administração do reino.

.**Povo** - a função principal era trabalhar nas terras dos senhores nobres (Honras) e da Igreja (Coutos), pagar impostos e prestar serviços gratuitos ou obrigatórios.

3. Indicar os privilégios do clero e da nobreza e as obrigações dos camponeses, especialmente nos domínios senhoriais.

R: Privilegiados: Clero e Nobreza (não pagavam impostos, tinham cargos importantes, recebiam as rendas dos camponeses, aplicavam a justiça nos seus domínios senhoriais e eram julgados pelo Rei.

Não Privilegiados - Povo (tinha obrigações - trabalhar nas terras dos Grupos Privilegiados; pagar impostos e as rendas das terras que cultivavam e prestar gratuitamente serviços.

4. Referir a dificuldade em ascender socialmente na Idade Média.

R: Pertencer a um grupo social nesta época era definido pelo nascimento e dificilmente se mudava esta ordem na Idade Média.

5. Caracterizar domínios senhoriais nobiliárquicos e eclesiásticos, tomando como exemplo o domínio de um mosteiro ou de um domínio laico.



R: Domínio de um Mosteiro - era habitado pelos monges (clero regular), vivendo sob as ordens de um Abade. Seguiam a 'ordem' ou 'regra' do mosteiro, dedicando a sua vida Deus e ao serviço religioso (orar, meditar e até cantar cânticos no espaço da Igreja). Também ensinavam, criando escolas nas Sés das cidades. Sabendo ler e escrever também copiavam livros na Biblioteca, decorando-os com iluminuras. Também davam assistência às populações nas suas enfermarias e boticas (farmácias) onde preparavam remédios. A albergaria no mosteiro servia para receber os peregrinos (fiéis que iam a pé para cumprir promessas a Santiago de Compostela, por exemplo). Também existia o dormitório e o refectório para os monges no mosteiro. Na área exterior do mosteiro existiam campos, muitas vezes trabalhados pelos monges, ou arrendadas ao povo.

Domínio Senhorial do Nobre - habitado pelo nobre e pelo povo, dividia-se em duas partes: A Reserva (onde estavam as melhores terras exploradas pelo nobre com recurso ao trabalho gratuito dos seus camponeses. O moinho, lagar e forno eram seus e o povo tinha de pagar para os utilizar; Os Mansos - pequenas parcelas de terras trabalhadas pelo povo em troca de uma renda paga em dinheiro ou em produtos agrícolas.

Para além destes espaços existia ainda a aldeia, a Igreja e a floresta.

6. Reconhecer a relativa autonomia concedida aos moradores nos concelhos, através de cartas de foral.

R: Para garantir a defesa, povoamento e desenvolvimento económico, os reis criavam Concelhos, através de um documento chamado Carta de Foral onde estavam escritos os direitos e os deveres dos moradores (ou vizinhos).

Sociedade Medieval



Legenda:
A - Castelo
B - Reserva
C - Aldeia
D - Manso
E - Bosque
F - Moinho do senhor

Também se controlava o poder dos nobres e criava-se um espaço económico alternativo aos senhorios. Com isso, os moradores de um concelho tinham mais Privilégios do que os habitantes de um Senhorio nobre ou da Igreja:

- Possuíam terras suas; escolhiam juízes para aplicar a justiça; pagavam apenas os impostos definidos na Carta de Foral e possuíam uma Casa de Concelho onde se reunia a assembleia de homens - bons que discutia e tomava as decisões para o Concelho.

Os símbolos de um Concelho incluíam: O Pelourinho (para aplicação da justiça), a Carta de Foral; A Casa do Concelho e o Selo (marca que autenticava os documentos do Concelho).

7. Apontar a existência de cortes, enquanto locais de participação dos grupos sociais na tomada de decisões importantes para Reino.

R: As Cortes (assembleias com representantes do Clero, Nobreza e Povo) permitiam ao Rei centralizar o seu Poder, ao mesmo tempo que ouvia os grupos sociais quanto à declaração de guerra, assinatura da paz e lançar impostos.

8. Relacionar o crescimento económico dos séculos XII e XIII com o fortalecimento da burguesia nas cidades.

R: À medida que os Concelhos ganhavam prestígio, o artesanato, o comércio e a banca ganharam uma crescente importância. Com isso eram os mercadores dos Concelhos que impulsionavam o crescimento económico do País, dando força às cidades e reforçando o papel dos comerciantes mais ricos entre o povo - a **Burguesia**.

9. Identificar algumas características da arte românica e da arte gótica, em edifícios localizados em território nacional.



R: **Arte Românica** - século XII (época de guerra - Reconquista Cristã), parecendo os edifícios fortalezas onde as pessoas se refugiavam.

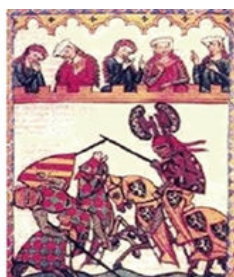
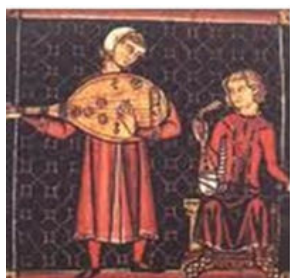
Características: Paredes Grossas; poucas janelas e muito estreitas (fraca luminosidade no interior); arco de volta perfeita e abóbada de berço, sendo o edifício amparado por contrafortes construídos nas paredes exteriores.

Arte Gótica - século XIV/XV, época de mais riqueza e menor clima de guerra, estando associado este estilo a uma época de mais riqueza e associando-se à Burguesia a qual financiava muitas das construções nas cidades com base neste estilo de arquitectura.



Características: arco de volta quebrado ou de ogiva (janelas e portais); abóbada com cruzamento de ogivas, permitindo vitrais nas paredes e a tradicional rosácea, dando grande luminosidade ao interior do edifício; arcos botantes que, unidos aos contrafortes, amparavam as paredes finas e altas, rematadas por pináculos.

10. Referir aspectos da cultura popular e cortesã deste período.



R: A Corte (não confundir com CORTES) era um espaço de convívio entre os acompanhantes do Rei e a sua família. Havia várias manifestações da **cultura cortesã** (nobre): Saraus, Banquetes, caçadas e torneios. Destacam-se os Saraus (festas nocturnas com a presença de jograis e trovadores. Aí se promovia as cantigas (amor, amigo e de escárnio e maldizer ou crítica às pessoas).

O Povo também se divertia, fazendo nascer a **cultura popular** com base em festas, romarias, nos bailes e até nas feiras. Também faziam espectáculos com saltimbancos, malabaristas e contadores de histórias.



Nestas festas cantava-se e bailava-se. Outras formas de transmissão da cultura popular eram os provérbios, contos, lendas e cantigas assentes em experiências de gerações, difundidos no seio da família.

Compreender o século XIV europeu

1. Referir o século XIV europeu como uma época de fomes, pestes e guerras. R: O século XIV foi marcado por uma grande crise tendo contribuído para isso: fomes (maus anos agrícolas devido a alterações climáticas com invernos duros); epidemias (como a peste negra) e guerras.

2. Relacionar a fome, a peste e a guerra com o agravamento das condições de vida do povo e com as revoltas populares do século XIV. R: Os camponeses, fartos da opressão dos nobres, fartos de pagar impostos, cheios de fome e envolvidos pela doença, revoltaram-se contra eles e provocaram distúrbios nos campos, tendo até travado batalhas contra os antigos senhores Nobres.

3 CRISES E REVOLUÇÃO NO SÉCULO XIV



3. Referir as épocas de crise como momentos susceptíveis de provocar o aumento da intolerância (exemplificar com as perseguições que atingiram as comunidades judaicas europeias aquando do surto da peste negra).

R: Desconhecendo as razões de tanta dificuldade, sobretudo pelas consequências da peste, muitos tentaram encontrar culpados e os judeus acabaram por ser responsabilizados, perseguidos e martirizados.

Conhecer as causas e consequências do problema sucessório português de 1383-1385

1. Referir a existência em Portugal da trilogia da fome, peste e guerra. R: Em 1348 a peste chegou a Portugal, matando muitos camponeses. As terras ficaram por cultivar, a produção agrícola caiu, mas os impostos subiram. Para resolver o problema e aumentar a produção agrícola, foi publicada a *Lei das Sesmarias*. A guerra também aconteceu quando D. Fernando entrou em conflito militar com Castela.

2. Descrever sucintamente o problema de sucessão ao trono após a morte de D. Fernando. R: O problema residia no facto da sua filha estar casada com o Rei de Castela havendo o receio de Portugal perder a sua independência. Prevendo o problema, D. Fernando, no *Tratado de Salvaterra* estabeleceu que o futuro filho de D^a Beatriz seria o Rei de Portugal. Até lá, D. Leonor Telles governaria Portugal. Porém, nada disso aconteceu pois fez aclamar D^a Beatriz Rainha de Portugal após a morte de D. Fernando, não cumprindo o Tratado de Salvaterra.



3. Reconhecer a divisão dos portugueses relativamente aos candidatos ao trono.

R: A população do País dividiu-se pois muitos não queria D^a Beatriz como rainha. Assim, o povo, a burguesia e alguns membros do Clero e da Nobreza apoiaram o Mestre de Avis para futuro Rei de Portugal.

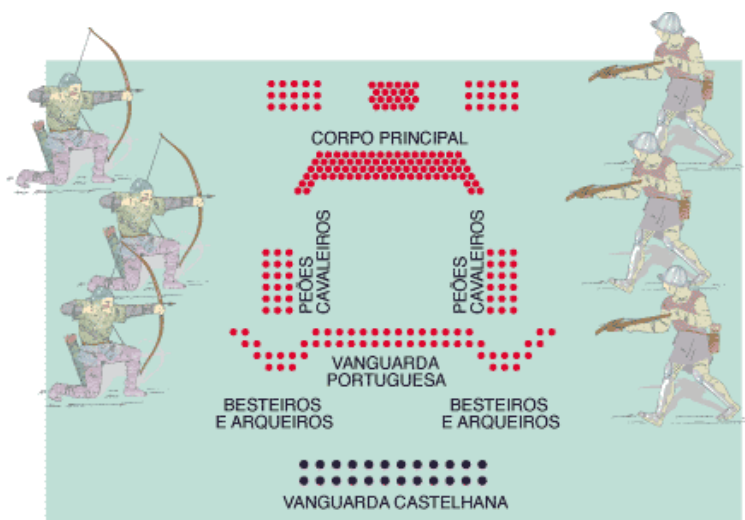
. A velha nobreza de linhagem e também o Alto Clero, fieis aos juramentos de fidelidade, preferiram apoiar D^a Beatriz.

4. Descrever sucintamente os acontecimentos da crise de 1383-1385 desde a primeira invasão castelhana até à aclamação de D. João I nas cortes de Coimbra.

Num primeiro momento, Castela invadiu Portugal e foi derrotada na **Batalha de Atoleiros** pelos portugueses comandados por D. Nuno Álvares Pereira, o condestável (comandante) do exército. Mais tarde, os castelhanos voltaram e cercaram Lisboa, onde estava o Mestre de Avis. Porém, declarou-se a peste nas tropas castelhanas que tiveram de levantar o cerco e voltar a Castela. Era necessário nomear um rei para Portugal e reúnem-se Cortes em Coimbra (abril de 1385) Foi o Dr. João das Regras, um burguês letrado, que defendeu a candidatura do Mestre a Rei de Portugal, tendo isso acontecido. Sabendo do caso, o Rei de Castela voltou a invadir Portugal e depois da **Batalha de Trancoso** (maio 1385), defrontou os portugueses na **Batalha de Aljubarrota** (agosto de 1385).

Conhecer e compreender a consolidação da independência Portuguesa

1. Descrever sucintamente episódios da batalha de Aljubarrota e os seus protagonistas.



R : Nessa batalha os castelhanos estavam em maior número e tinham uma grande Cavalaria. Porém, a disposição das tropas portuguesas seguindo a **tática do quadrado** acrescido de armadilhas no terreno (covas de lobo) levaram os castelhanos a uma grande derrota militar.

2. Sublinhar a importância da Batalha de Aljubarrota na afirmação da independência nacional.

R: A vitória portuguesa em Aljubarrota fortaleceu o reino, afastou os castelhanos de Portugal e deu origem a uma aliança com os

ingleses com **o Tratado de Windsor** e o casamento de D. João com D^a Filipa e Lencastre.

3. Relacionar a revolução de 1383-1385 com as alterações na estrutura social portuguesa. Portugal nos séculos XV e XVI

R: D. João recompensou os seus apoiantes – os burgueses, que receberam privilégios, terras e cargos políticos, criando-se novas linhagens, enquanto a velha nobreza que apoiou D^a Beatriz perdeu privilégios e saiu de Portugal. A sociedade portuguesa modificou-se, ganhando uma nova confiança e desejo de valorização.